

**UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO FUNCIONAL  
PARA OS CONHECIDOS «CABOS DE FACA»  
EM OSSO JÁ COM LONGA HISTÓRIA  
NA ARQUEOLOGIA IBÉRICA**

**CLAUDIO TORRES**

Assistente de Arqueologia Medieval na Faculdade de Letras de Lisboa.  
Director do Campo Arqueológico de Mértola

**DESCRICÃO**

São objectos de osso trabalhado ao torno e talho de faca com decoração precisa de pequenos e grandes círculos com furo central, organizados em registos. A altura média dos fragmentos estudados varia entre os 8 e os 10 cm de altura; 2 cm de largura e todos eles estão incompletos. Na maioria dos casos uma das extremidades tende a aproximar-se da forma quadrangular e a faixa central de moldura côncava entre filetes. Morfologicamente, excluindo 3 dos artefactos estudados (02, 15 e 19) constatamos uma certa uniformização, apesar de algumas disparidades que porém se esbatem significativamente na técnica decorativa.

As peças com os números de 1 a 6, foram recolhidas pelo Sr. Posac no subsolo da cidade de Ceuta. O número 7 foi encontrado na Alhambra de Granada e depositado no seu museu. Os números 8 e 9, publicados pelo Sr. Carriazo<sup>1</sup> são originários, o primeiro de Córdoba e o segundo de Tiscar — Quesada — Jaén. O artefacto número 10 provém de Vale do Boto — Algarve<sup>2</sup>. O número 11 é originário de Maiorca<sup>3</sup>. O objecto número 12 foi exumado na povoação abandonada de Vascos<sup>4</sup>. As peças com os números de 13 a 21 foram encontradas nas escavações da Alcáçova de Mértola em camadas estratigráficas do último período de ocupação, ou seja segunda metade do séc. XII. O artefacto número 22 provém de Eborá, perto de Sevilha<sup>5</sup>. Finalmente as duas peças 23 e 24 foram encontradas na cidade de Silves e estão depositadas no seu museu<sup>6</sup>.

No mapa da Fig. 6 é ordenada a sua localização topográfica, com a indicação de outros objectos semelhantes encontrados em Múrcia, Maiorca, Badajoz, Valência e Moura<sup>7</sup>.

## II. FUNÇÕES ATRIBUIDAS

A estes artefactos e de uma forma geral têm sido atribuídas duas hipotéticas funções: «cabos de faca» na opinião mais generalizada ou «peças de Xadrez».

Não é de excluir que tenham existido cabos de faca em osso torneado numa só peça. Porém nenhum dos exemplares aqui apresentados pode ter exercido tais funções, não só pela forma e design inadequado, como pela falta do mínimo sinal indicando a forma como seria fixada a lâmina. Das peças que manuseei nenhuma tem qualquer indício de intervenção ou penetração metálica no interior do osso. Todos os exemplares, comprovadamente cabos de faca em osso são constituídos por duas metades cravadas no espigão metálico da lâmina. Há inúmeros exemplos arqueológicos.

Finalmente, a fragilidade da maior parte destas peças afasta completamente a ideia de poderem ser empunhadas com o vigor exigido nas habituais funções do cortante instrumento.

Quanto à hipótese de serem estes artefactos «torres de Xadrez», não vou repetir, por demais conhecida, a argumentação do Sr. J. M. Carriazo<sup>8</sup>. São no entanto de referir algumas questões que essa teoria sugere. O Xadrez foi sempre um jogo aristocrático, ligado quase sempre aos grandes negócios da paz e da guerra — e nunca um jogo popular como o «gamão» (tric-trac), o ric-rac (marelle), o «jogo do galo», etc., cujas provas arqueológicas encontramos constantemente na habitação medieval islâmica. Desconheço muitos dos contextos arqueológicos das peças apresentadas, contudo no caso de Mértola, Vale do Boto, Vascos e Eborá, o envolvimento é pobre, familiar e nunca palatino.

Todas as peças de Xadrez publicadas e reconhecidas como de época islâmica e alto-medieval, têm formas características e por todos reconhecíveis. O ponto morfológico comum é uma estável base de apoio, indispensável à sua função. O mínimo toque faria tombar todas as nossas hipotéticas pedras de Xadrez, pois que, além de demasiado afiladas, nunca o seu interior oco parece ter levado qualquer enchimento que lhes desse maior estabilidade.

Por maior que fosse o geometrismo simplificador, sempre cada figura era claramente reconhecível. Rudes peças de madeira o comprovam, como os exemplares de Isère do séc. XI publicados por Renée e Michel Colardelle<sup>9</sup>.

Finalmente não nos parece crível só terem aparecido «torres de Xadrez», pedra que precisamente não tinha existência no tabuleiro islâmico medieval.

## III. NOVA PROPOSTA

Não foi apenas a escavação arqueológica e a estratigrafia a sugerir uma nova hipótese, embora muitos dos seus pressupostos apontem na mesma direcção. Foi a etnologia que veio autorizar outra abordagem: estes artefactos tão misteriosos têm algo a ver com a actividade de fiação artesanal e são provavelmente fragmentos de torres de roca.

A roca, instrumento que há menos de um século era ainda inseparável do quotidiano familiar, foi sempre um dos mais importantes e esteticamente mais

o atribuídas duas hipotéticas  
izada ou «peças de Xadrez».  
faca em osso torneado numa  
resentados pode ter exercido  
o, como pela falta do mínimo  
na. Das peças que manuseei  
enervação metálica no interior  
cabos de faca em osso são  
ção metálico da lâmina. Há

peças afasta completamente  
xigido nas habituais funções

«torres de Xadrez», não vou  
Sr. J. M. Carriazo<sup>8</sup>. São no  
sugere. O Xadrez foi sempre  
randos negócios da paz e da  
gama (tric-trac), o ric-rac  
arqueológicas encontramos  
a. Desconheço muitos dos  
ontudo no caso de Mértola,  
re, familiar e nunca palatino.  
cidas como de época islâmica  
odos reconhecíveis. O ponto  
indispensável à sua função.  
ipotéticas pedras de Xadrez,  
interior oco parece ter levado  
ilidade.

ador, sempre cada figura era  
ra o comprovam, como os  
ené e Michel Colardelle<sup>9</sup>.

arecido «torres de Xadrez»,  
tabuleiro islâmico medieval.

complexos objecto-símbolo da família medieval e tardo-medieval. Era o objecto-promessa, oferta do pretendente à mulher desejada. Ora precisamente uma das partes mais decoradas da roca é a torre onde, ao longo de séculos se acumulou a mais codificada linguagem. As rocas hoje conhecidas e armazenadas nos museus etnográficos (fig. 7) são em madeira e cana (embora haja referências documentais<sup>10</sup> a exemplares com torres em osso torneado) e portanto, na sua maioria, com uma decoração incisa a fio de navalha. Há casos em que a própria madeira é torneada (ns. 4,5) talvez seguindo antiga tradição mais urbana de manufactura, semelhante aos artefactos que apresentamos, cuja gramática decorativa se aproxima sintomaticamente dos cossoiros de osso torneado encontrados às dezenas e em contextos arqueológicos semelhantes, no Campo Arqueológico de Mértola. Aliás das mesmas camadas estratigráficas do séc. XII temos mais de uma centena de pontas de fuso em bronze.

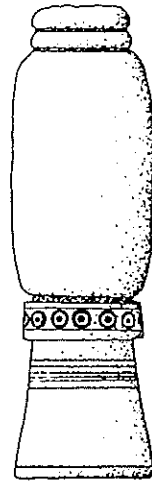
Tal como nas torres de roca mais recentes, em que a côr marca a sua presença também são visíveis nas inscrições de um dos artefactos de Mértola alguns restos de policromia.

Hoje, na investigação medieval e concretamente na arqueológica — onde se toca o mais humilde objecto do dia a dia — o exame atento das sociedades e grupos sociais, cuja actividade não foi profundamente modificada pelo mundo moderno e onde encontramos alguns aspectos da memória oral e colectiva, pode dar-nos preciosas e insuspeitadas informações. Oxalá também a arqueologia possa dar, ela própria, resposta definitiva à proposta que formulamos.

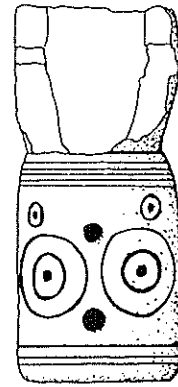
tratigrafia a sugerir uma nova  
pontem na mesma direcção.  
tagem: estes artefactos tão  
de fiação artesanal e são

culo era ainda inseparável dó  
ortantes e esteticamente mais

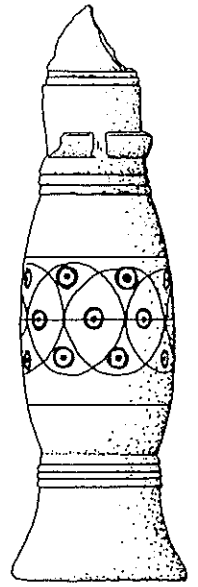
**CEUTA**



01



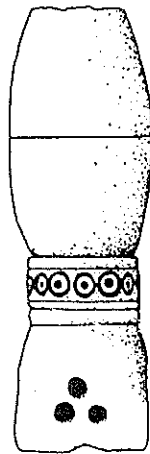
02



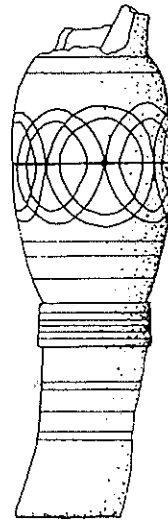
03



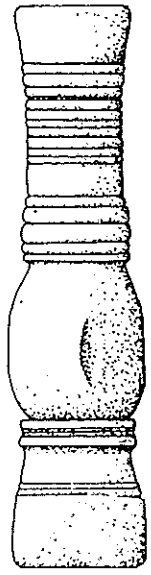
**fig. 1**



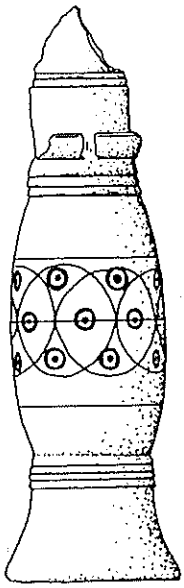
04



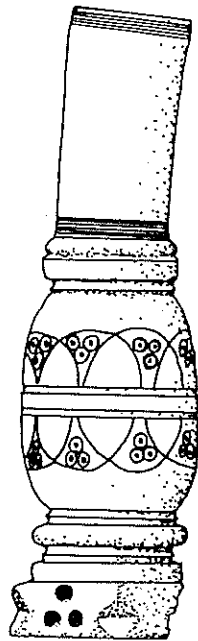
05



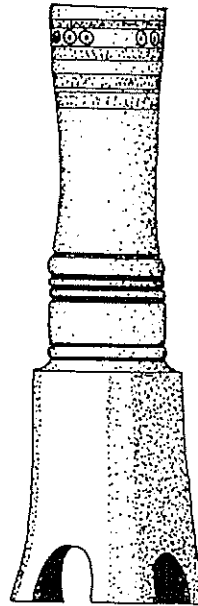
06



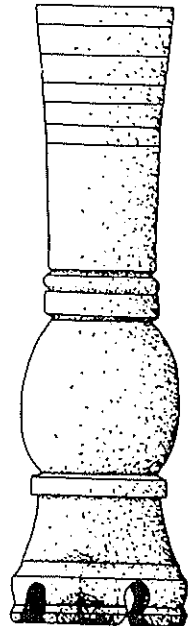
03



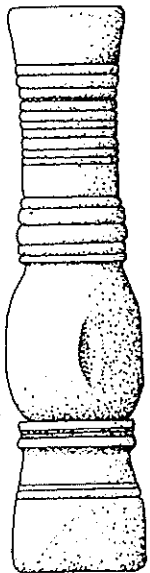
AL 07



CR 08



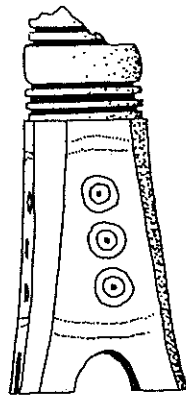
QS 09



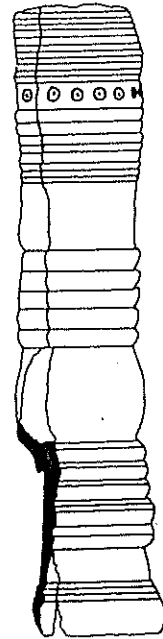
06

fig.2

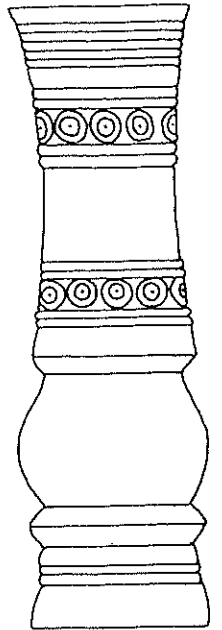




**VB 10**



**MA 11**

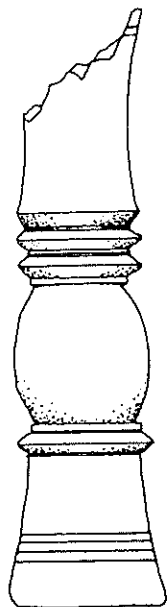
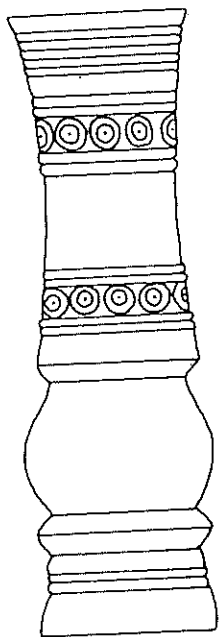


**VA 12**

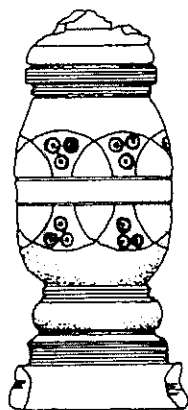
**fig. 3**



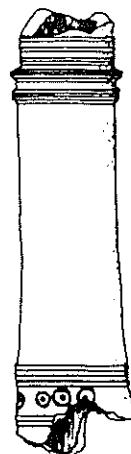
# MÉRTOLA



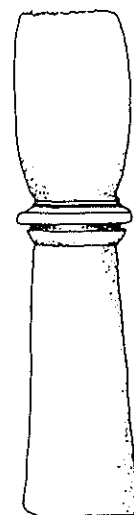
13



14



15



16

5 cm

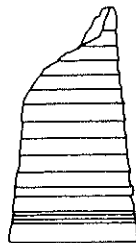
fig. 4



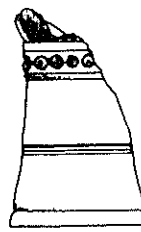
17



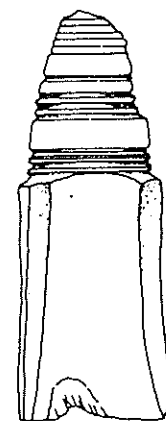
18



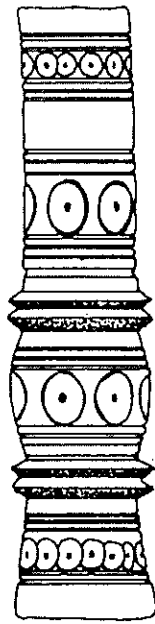
19



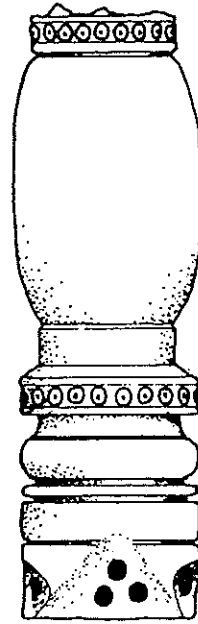
20



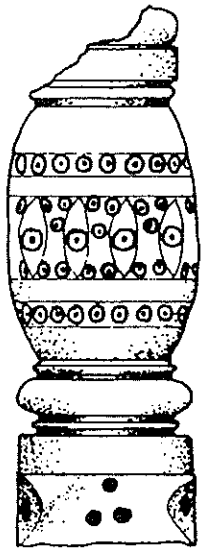
21



*EB* 22



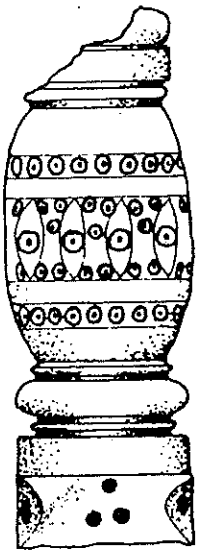
*SIL* 23



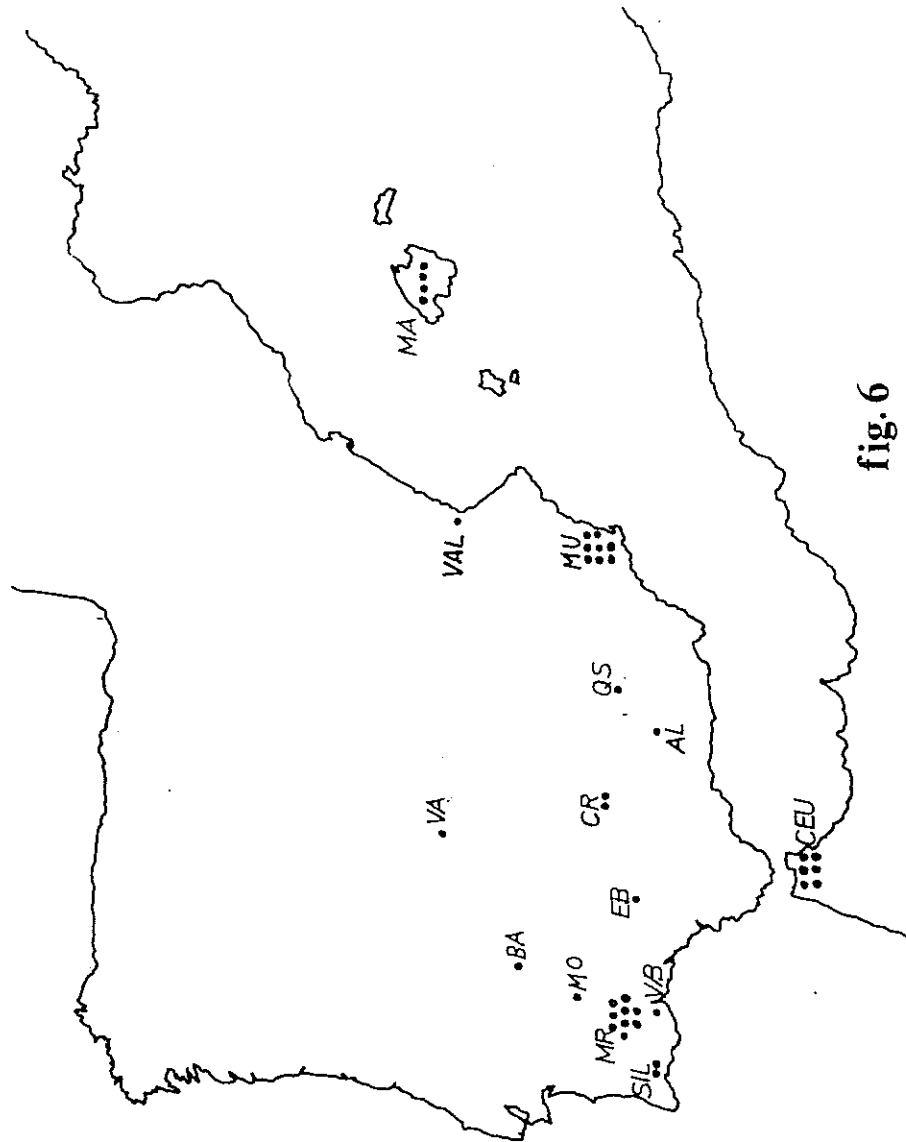
*SIL* 24

fig. 5





**SIL 24**



**fig. 6**

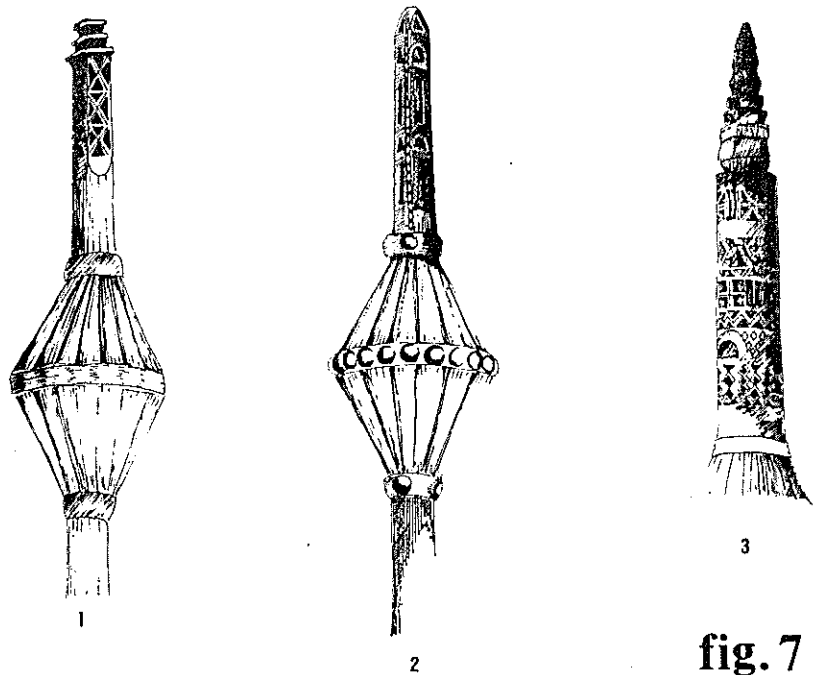
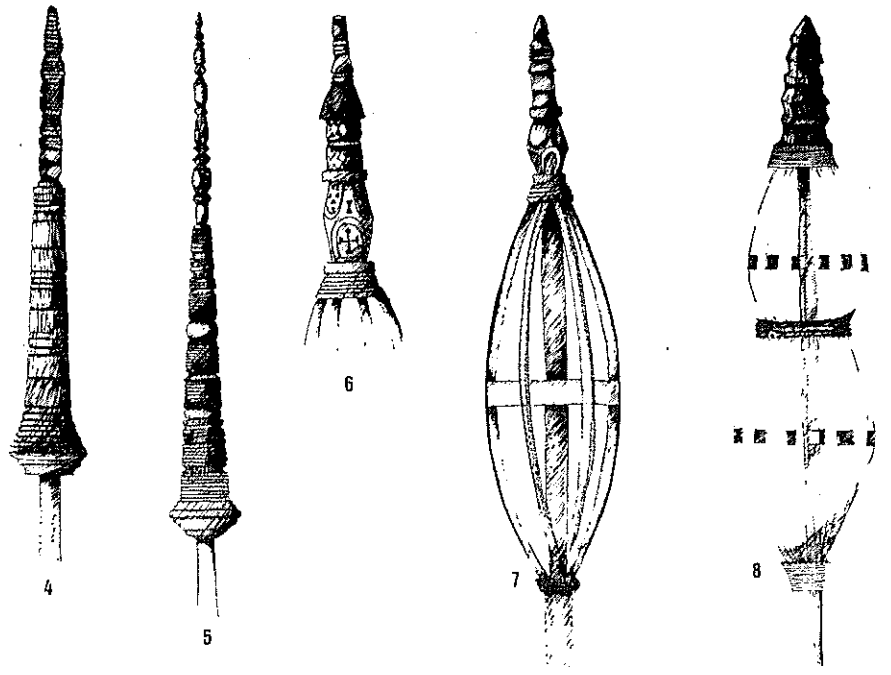


fig. 7



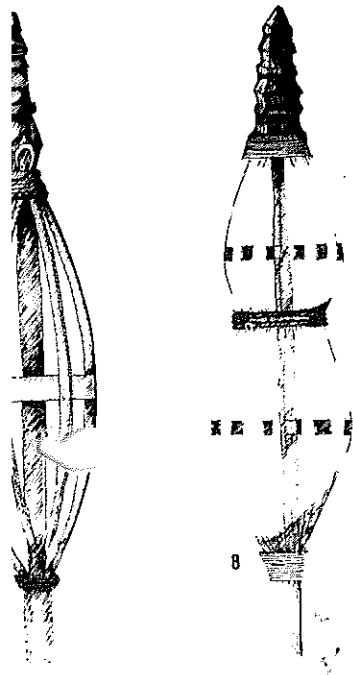


3

fig. 7

## NOTAS

1. CARRIAZO, J. M.: *Tartessos y el Carambolo*. Dirección General de Bellas Artes, Ministerio de Educación y Ciencia, p. 363.
2. CATARINO, Helena; ARRUDA, A.; GONÇALVES, V.: «Vale do Boto, Escavações de 1981 no complexo árabe-medieval». Extraído do III vol. *CLIO*, revista do Centro de História da Universidade de Lisboa, 1981, p. 21.
3. ROSSELLO BORDOY, G.: *Ensayo de sistematización de la cerámica árabe en Mallorca*. Palma de Mallorca, 1978, p. 312.
4. IZQUIERDO BENITO: «Excavaciones en la ciudad hispano-musulmana de Vascos», *Camp*. 75,78, separata do *Noticiario Arqueológico Hispánico*, Madrid, p. 312.
5. Publicado por Carriazo, J. M., na obra citada.
6. Duas peças encontradas pelo Sr. Luis Cabrera, a quem agradeço publicamente o amável envio das fotografias.
7. Agradeço as informações aos Srs. Julio Palazon, Rossello Bordoy, Fernandez Valdes e J. V. Lerma.
8. Obra citada.
9. COLARDELLE, R. et Michel: «L'habitat médiéval immergé de Colletière à Charaviner (Isère)». *Arqueologie Médiévale*, tome X, 1980, p. 257.
10. HONTORIA, G. G., y TIEMBLO, M. P.: *Telares manuales en España*, 1983, p. 59.



8

